



Tillandsia
pintura em tecido por Isis do Carmo, 2024

RASTROS

Monica Roberta Granato Ramos

Levanto com uma dor absoluta em mim...
Rastros de uma noite mal dormida, de uma vida sabem lá vivida a
sombra de rastros carregados na pele, no sangue, nos ossos e na
alma.

Esse relato não tem a pretensão de nada que não seja registrar,
nada além de pensamentos e devaneios que esses vestígios
permitirem encontrar em mim ou em minha trajetória.

Ao fazer uma encomenda, às vezes recebemos um código para
rastrear a localização, farejar, seguir, acompanhar, ou seja, ansear
pela chegada do que adquiriu.

Essas palavras rastrear, vestígios... têm me seguido por uns dias;
daí então a ideia de rastrear que encomenda é essa que está sendo
feita por mim, a mim mesma ou a quem quer que seja.

Embora, minha mente, meus anseios sejam rápidos, as mãos já
revelam os vestígios de toda trajetória daquelas que aqui
registram, quase que absolutas em traços trêmulos e fracos. Aos
meus quarenta e sete anos, rastreando meus feitos e desfeitos;
talvez quem sabe as mãos não cheguem nem a concluir àquilo a
que se comprometeu por falta de força ou até mesmo de
determinação.

Os primeiros rastros surgem inconvenientemente dela, a mão. A
mesma mão que me oprime, condena e incita em mim a
necessidade de investigar, de me apropriar o que... O que queres
de mim? Insiste ela em dizer que o controle não está aqui nela e
sim em meu ser.

Sigo hoje no controle do que é possível, pois nada controlo
especialmente nesses tempos de pandemia.

Aonde chegarei, não sei; mas também é nesse momento uma
preocupação legítima.

Penso ser essa uma vontade oculta de trazer a tona reflexões
sobre as pegadas ou o caminho escolhido que me trouxe aqui.

Nascida numa favela, ou comunidade (hoje politicamente
correto) desprovida de uma série de coisas materiais, porém,
repleta de tantas outras coisas que aqui se evidenciarão.

Nessa época, cinco irmãos dentre eles três meninas e dois meninos que depois veio a ser três.

Chinelos

Íamos a escola em horários diferentes, uns pela manhã outros a tarde o restante em casa ou com a vizinha. Em casa não havia EMEI, enquanto uma estudava a outra: casa, roupa, comida, cuidar dos irmãos; assim como acontece ainda hoje nas famílias de periferia... os pais saem para trabalhar cedo e voltam tarde da noite.

Sobrando tempo apenas para conversar ou assistir uma parte da infância passar a frente.

Ao preparar-me para ir a escola, o ritual de sempre: banho no chuveiro improvisado com a mangueira do quintal da vizinha (grande amiga até hoje) penteado bem feito pela irmã da amiga, esticado com gel; pés descalços por não ter chinelo próprio.

Caminhada de um quilometro e meio mais ou menos, chinelo universal, aquele sem tamanho certo, que serve em qualquer pé que dele o precisasse. Com os pés sujos de terra e de tudo que encontrara na estrada, encontrara eu a minha irmã e lá mesmo na rua calçava o tal chinelo, com as unhas entranhadas de barro, de terra e de pó, cabelos esticados no pente, saia branca engomada tinindo de tanta brancura, alva como o gelo contrastando com os pés vermelhos e rachados.

Na escola a recepção era boa, na porta dona Yolanda mandava abaixar a cabeça e com o toque de duas canetas caça, espia e enrosca numa breve virada de cabeça, indicando a entrada ou simplesmente dizia “Piolho”, sinal da volta para casa com bilhete na mão esfregando o vestígio encontrado e de que aquilo significaria volta após duas semanas ao mesmo ritual.

Não me recordo das sensações boas ou ruins, mas me lembro dos riscos que os traços da caneta faziam em meu couro cabeludo e corporeidade provocando cócegas, risos e calafrios pelo medo do que a ausência da ponta da caneta me apontaria.



Costela de Adão 2
pintura em tecido por Isis do Carmo, 2024